

NOTAS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE DADOSFERA: UM QUADRO MEDIOLÓGICO

Clara BROWNE, (IEB/USP)¹

Livia DAMACENO, (PPGL/USFSCar)²

Resumo: A midiologia busca compreender os mídiuns que compõem uma dada mídiasfera, ou seja, descrever o sistema dispositivo-suporte-procedimento que é posto em funcionamento para uma transmissão simbólica. Segundo Debray (1993, 1995, 2000), a história técnica e cultural humana passou por três períodos cujas mídiasferas correspondentes são: a logosfera, inaugurada pela técnica escrita; grafosfera, pela técnica tipográfica; e a videosfera, aberta pela técnica audiovisual. Considerando que o atual período técnico-científico-informacional (Santos, 2006) é marcado pela hegemonia da técnica algorítmica, este trabalho pretende ampliar o quadro midiológico de Debray (1995), descrevendo o que consideramos a dadosfera.

Palavras-chave: Mídiasfera; Midiologia; Análise do Discurso; Dadosfera.

Abstract: Mediology seeks to comprehend the mediums that compose a given mediasphere, that is, to describe the apparatus-support-procedure system that puts in motion a symbolic transmission. According to Debray (1993, 1995, 2000), human technical and cultural history went through three periods which the correspondent mediaspheres are: logosphere, inaugurated by the written technique; graphosphere, by the typography technique; and the videosphere, ushered by the audiovisual technique. Considering that the current technic-scientific-informational period is marked by the hegemony of the algorithmic technic, this study aims to broaden the mediological chart created by Debray (1995), by describing what we call datasphere.

Keywords: Mediasphere; Mediology; Discourse Analysis; Datasphere.

INTRODUÇÃO

Uma pergunta básica para a Análise do Discurso é “Por que este enunciado apareceu e não outro em seu lugar?”. Pois bem, para a Midiologia de Régis Debray, a pergunta é “Por que esta ideia ganhou força e não outra em seu lugar?”. De saída, a Midiologia entende que as ideias não flutuam no ar, são disseminadas através de um aparato técnico e necessariamente envolvem a criação de uma dada comunidade. Uma doutrina, uma ideia ou um pensamento requer uma organização, ou seja, implica um

¹ Graduada em Bacharelado em Letras-Português pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é mestranda no programa de Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) com a pesquisa em curso “Garotas à noite na internet: como se dá a transmissão midiológica de imagens nos mídiuns digitais”. Para contato, clara.coelho@usp.br

² Graduada em Bacharelado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); Mestre em Linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL-UFSCar). Atualmente é doutoranda no mesmo programa, pesquisa (em curso) intitulada “Um monstro no fim da história: estratos do capitalismo computacional”.

conjunto técnico e um conjunto de pessoas que vão levar a mensagem adiante. Para definir esse projeto em uma frase: é o “estudo técnico do poder nos meios” (DEBRAY, 1993, p. 35). Em outras palavras, a midiologia é o estudo do funcionamento da força política das ideias através de seus meios. Isto é, não basta identificar o conteúdo ideológico de um projeto político, e sim, dissecar os meios e materiais que o tornaram possível e real.

Para essa perspectiva, o que interessa não é se “o meio é a mensagem”, e sim que sem o meio e o mediador, não há transmissão da mensagem. Parece uma reflexão óbvia, mas traz sérias consequências para a área dos estudos discursivos que parecem ignorar a pesada e temível materialidade discursiva. Considerar a mediação nas práticas discursivas é um movimento necessário e urgente para as pesquisas que buscam compreender como se dá a produção de sentido de um discurso. Por onde essa ideia circula? Quem são seus gurus? Quais instituições estão envolvidas? Está escrito ou é falado? Onde essas pessoas se reúnem?

Estamos em um território incerto. Temos que abandonar, por exemplo, a velha dicotomia marxista, a qual a Análise do Discurso carregou durante muito tempo, entre a superestrutura (linguagem, cultura e ideologia) e a infraestrutura (forças produtivas, meios de produção, tecnologia). Sem linguagem (que, como veremos, pode ser considerada um mídiom) não há relações de produção, e a técnica não existe sem cultura. Cabe ao midiólogo então juntar essas duas esferas: como infra e superestrutura se organizam e se implicam mutuamente. Não há ideologia sem técnica e não há técnica neutra.

Esta pesquisa se justifica pela contribuição aos estudos discursivos do atual período, enquadrando-se, assim, em um conjunto maior de pesquisas realizadas desde 2010, para o qual ela contribuirá ativamente, a partir das propostas de articulação entre a Análise do Discurso e a Midiologia que têm sido desenvolvidas em trabalhos como: Primo (2019) , que investiga o funcionamento de uma obra literária publicada em um novo objeto editorial em que os imaginários sobre o literário se atualizam, deslocados, transformados; e Ferreira (2021) que analisa o processo de produção de subjetividade a partir das mudanças trazidas pela plataforma Google, considerada como o mídiom por excelência do capitalismo de vigilância.

Já que pensar é se organizar, segundo Debray, esperamos contribuir para os estudos discursivos sobre a cultura e a técnica, em sua interdependência, a fim de abarcar fenômenos que desafiam a teoria e o pensamento.

MÍDIUM E MIDIASFERA

Para compreender a noção de *midiasfera*, é preciso explicitar o que é a noção de *mídiu*m para Debray. Mídiu(m) (ou *médiu*m em outras traduções) pode ser definido como o suporte, dispositivo que articula um vetor de sensibilidade a uma matriz de sociabilidade (DEBRAY, 2000). Tal matriz constitui a forma como a sociedade molda suas práticas e constrói seus valores por meio da produção de sistemas de objetos técnicos. Para o filósofo francês, o mídiu(m) é o:

[...] sistema dispositivo-suporte-procedimento, ou seja, aquele que, organicamente, é posto em movimento por uma revolução mediológica. [...] Ao pequeno sistema suporte-dispositivo que faz o médiu(m) corresponde o grande sistema médiu(m)-meio, complexo sóciotécnico que constitui o objeto peculiar da Mediologia positiva, histórica. “Meio” é mais do que decoração ou espaço externo de circulação: condiciona a semântica dos vestígios pelo viés de uma organização social (DEBRAY, p. 1995, 23).

Segundo essa perspectiva, o modo como a sociedade cultiva práticas e dissemina valores produzindo sistemas de objetos técnicos, constitui uma organização materializada (OM). Os vetores de sensibilidade entendidos como os dispositivos inscricionais são matéria organizada (MO), os próprios objetos técnicos que resultam de lógicas de uso e impõem lógicas de uso, nem sempre coincidentes, e que convivem também com resistências ou apropriações não previstas. Sendo assim, o mídiu(m), enquanto materialização de um objeto técnico, participa da produção de sentidos, já que implica uma inscrição material em que uma ideia se realiza e se difunde.

Em *Manifestos Midiológicos* (1995), *midiasfera* é o “megassistema de transmissão (e de transporte). Na época histórica, é possível estabelecer a distinção entre três principais (*logosfera*, *grafosfera* e *videosfera*)” (1995, p. 219, grifos do autor). Tal definição pode ser completada pela citação abaixo:

Esse meio, estruturado por seu procedimento capital de memorização, estrutura, por sua vez, um tipo de credenciamento dos discursos, uma temporalidade dominante e um modo de reagrupamento, ou seja, as três faces de um triado

formando (o que poderíamos resumir como) a personalidade coletiva ou o perfil psicológico característico de um período midiológico (1995, p. 40).

Ou seja, uma mídiasfera seria todo o aparato técnico-cultural que dá suporte a uma determinada *ordem do discurso* (FOUCAULT, 1996), para cada espírito de uma época, há uma mídiaesfera correspondente. Tal “período midiológico” parece ser homogêneo e invisível devido a banalidade a qual todo aparato técnico sempre está suscetível em decorrência do uso cotidiano. É justamente por estar imerso em uma mídiasfera que o sujeito não se dá conta do tanto de coisas e pessoas que são necessárias para que uma ideologia se naturalize em uma sociedade.

Em *Curso de Midiologia Geral* (1993), Debray esboça algumas teses a respeito da noção de mídiasfera:

1. Não se pode separar uma operação do pensamento, seja em que época for, das condições técnicas de inscrição, transmissão e estocagem que a tornam possível (neste sentido, a escrita alfabética e a leitura são técnicas). 2. A ferramenta mnemotécnica é a primeira dessas condições. Em cada época, é definida pelos suportes e procedimentos de memorização dos vestígios. 3. O sistema dominante de conservação dos vestígios (coleta, estocagem e circulação) serve de núcleo organizador à mídiasfera de determinada época em determinada sociedade. Este termo designa um meio de transmissão e transporte das mensagens e dos homens, com os métodos de elaboração e difusão intelectuais que lhe correspondem. 4. Na realidade histórica, não há mídiasfera em estado puro. Cada uma é o resultado do compromisso entre práticas adquiridas e utensílios novos e imbrica, umas nas outras, redes técnicas de épocas diferentes. 5. Cada mídiasfera suscita um espaço-tempo particular, isto é, um realismo diferente. “A leitura do jornal, ao levantar-nos, é uma espécie de oração da manhã realista. Orientamos nossa atitude relativamente ao mundo a partir de Deus, acrescentava Hegel, ou a partir do que é o mundo. Nos dois casos, a mesma segurança e proporcionada: sabemos onde é que estamos.” Ora, como lembrou Bernard Stiegler, o mundo é diferente de acordo com o suporte em que se apoia: papel, celuloide, fita magnética, ondas hertzianas ou blocos de dados numéricos. De cada vez, resulta uma outra segurança e um outro sentido de orientação. 6. A evolução técnica dos meios de transmissão material dá um fio diretor à sucessão histórica, aparecimento e extinção, dos sistemas simbólicos vivos para este ou aquele estado do mundo (1993, p. 243-244).

Nessas teses, Debray enfatiza a necessidade de se pensar tanto o suporte, quanto o transporte. O materialismo duro do autor às vezes parece abstrato, mas é a simplificação do método que nos interessa na citação destacada abaixo. Cada suporte técnico (ou rede deles) é um mundo distinto. A mídiasfera, portanto, é a composição desses vários acoplamentos de objetos, pessoas, e não-pessoas, que dá a “cara” de uma época.

Em *Transmitir*, obra mais “metodológica” de Debray, não há uma definição consistente de mídiasfera, ela parece estar subentendida quando ele trata da interação entre Matéria Organizada (M.O.) e Organização Materializada (O.M.). Pois, para que uma doutrina se transmita vários aparatos técnicos, instituições culturais e infraestruturas matérias sejam mobilizadas. O que seria de Lutero sem a imprensa? Da bíblia sem as estradas romanas e rotas comerciais? O que seria do marxismo sem o telégrafo? Todos esses grandes autores, grandes ideias e grandes revoluções ocorrem em uma midioesfera particular. Sem medo de ser determinista, a midialogia articula o tempo todo técnica e cultura, sendo que cada mídiasfera tem seus objetos técnicos, modos de fazer e de transmitir particulares. No trecho que citamos abaixo, Debray enfatiza que, no entanto, cada mídiasfera “nova” não é uma tabula rasa: com o advento da fita magnética, não deixamos de utilizar o papel. Ou seja, cada mídiasfera tem resquícios das outras, e o estudo delas deve considerar tal efeito cumulativo:

[...] Mas poderemos atenuar o modelo, lembrando-nos 1) que **as mídiasferas não são montadas em sequências, mas encaixam-se por estratos, em folheado**, 2) que existe um tempo de latência das rupturas técnicas. Assim, é o que se passa com a escrita à mão e a tipografia. 'Até por volta de 1550, escreve Paul Zumthor, é maior a colaboração do que a oposição entre as duas técnicas.' E os efeitos (da tipografia) 'só no século XIX é que se tornarão perceptíveis, graças ao ensino obrigatório que fará do impresso uma escrita de massa'. É 'o efeito diligência' (Jacques Perriault) da inovação que a leva a entrar no futuro às arrechuas. Os primeiros vagões de estrada de ferro eram diligências sobre trilhos, assim como as primeiras páginas impressas tinham a forma de manuscrito; as primeiras fotografias assemelhavam-se a naturezas mortas; as primeiras fitas filmadas, a peças de teatro; e os primeiros automóveis, a carruagens sem cavalo. Em 1995, a televisão era um aparelho de rádio com imagem. Cada 'momento atual' está em atraso em relação a si mesmo. **E 3) o caráter crítico das transições.** Embora, a longo prazo, elas se adicionem, em vez de se substituírem, a passagem é difícil a curto prazo (2000, p. 161-162, grifos nossos).

A seguir detalharemos cada mídiasfera, mas antes queremos deixar claro que Debray não detalhou muito a que ele chamou de *mnemosfera*, marcada pela transmissão oral baseada somente nas memórias coletivas do grupo (ou grupos). A logosfera é inaugurada quando o código escrito passa a se impor à oralidade e se difunde pelos seus canais. A grafosfera marca a hegemonia da lógica tipográfica aos textos circulados na sociedade, isto é, ela obriga o meio simbólico a seguir sua racionalidade. A videosfera “liberta” o livro e seus objetos associados por meio da disseminação massiva dos suportes

audiovisuais. Em seu quadro midiológico do *Curso de Midiologia Geral*, Debray lista as características de cada uma, as quais veremos mais adiante.

Nossa proposta é dar continuidade ao quadro midiológico de Debray. No tópico seguinte explicaremos com mais detalhes alguns destes itens que, de acordo com as nossas pesquisas, parecem se destacar na atual midiasfera, propondo o acréscimo desta no quadro de Debray.

DADOSFERA: UMA PROPOSTA PARA A ATUAL MIDIASFERA

Debray não chega a falar sobre o que viria após a videosfera, mas em *Transmitir* ele alude a uma “digitosfera”, que poderia ser candidata à sucessão:

Logosfera, grafosfera, videosfera: tripartição, evidentemente rudimentar e incompleta que dá uma piscadela à sacrossanta trindade, uma vez que não inclui a 'mnemosfera' das oralidades primárias (sociedades sem escrita), nem **a reconversão do vídeo em 'digitosfera' (via compressão digital dos sinais)**. Para a datação fina de um instante cultural, seríamos tentados, de bom grado, pela famosa sobreposição braudeliana das temporalidades: a temporalidade ecológica e invisível dos macrossistemas de transmissão (a midiasfera), análoga ao tempo geográfico do historiador; a temporalidade mais atmosférica, embora já perceptível, das esferas de influência, sensibilidades ou movimentos profundos (o barroco, o clássico, o moderno, etc.), análoga ao tempo social; e a temporalidade das escolas e das obras, com ritmo curto, análoga às oscilações breves da história dos acontecimentos (2000, p. 161, grifo nosso).

Diante das discussões realizadas nas reuniões de leitura dessa obra, cremos que chamar o atual período de digitosfera parece faltar algo de crucial: a técnica digital subsume todo o mundo em dados. O sistema de transporte, estocagem e transmissão são totalmente voltados à profilagem, extração e armazenamento de dados. Para brincar com a famosa frase de Marx e Engels, tudo o que é sólido se desmancha em algoritmos no ciberespaço.

A questão é que essas informações – os dados – não se desmancham, ao contrário: estão estocadas em imensos galpões e são utilizadas para “o principal ativo dessa economia: a capacidade de prever as ações do usuário” (BEIGUELMAN, 2021). A web 2.0, marcada pela consolidação da centralidade das redes sociais, se alimenta dos dados e, portanto, se organiza a partir deles. Isso cria uma cultura de vigilância como parte do procedimento técnico, algo que não está necessariamente previsto na noção de digital que compõe o termo “digitosfera”.

É possível afirmar que, com o estabelecimento do sistema binário como o principal modelo para linguagem computacional, o digital já nasce de uma perspectiva

não linear. A própria palavra se refere a dígito, o qual, por sua vez, se refere aos dedos, a parte da mão que não tem conexão entre si. Oposta ao analógico, que é linear e contínuo, a técnica digital se caracteriza pela perspectiva da descontinuidade. Ao nosso ver, os dados são as informações (de caráter analógico) digitalizadas; como se fosse necessário quebra-las, descontinua-las para que possam ser operadas digitalmente.

É do nosso entendimento, portanto, que a dadosfera é um desenvolvimento da digitosfera. No entanto, apesar de marcar a técnica que constitui o digital, o termo “digitosfera” não abarca o que hoje é o fundamental para a operação da web que usamos: os dados. Nesse sentido, “digitosfera” nos parece um termo insuficiente para a atual mídiasfera, pois não se trata apenas do dígito e sua perspectiva de descontinuidade que transmite as informações, mas sim da técnica algorítmica que dele se desenvolve e transforma o que é sólido em dados. Essa escolha é, então, uma questão de precisão histórica.

Diante dessas razões, elaboramos um quadro para a dadosfera, seguindo o quadro midiológico de Debray e também diante de nossas observações de alguns fenômenos, dinâmicas e sujeitos característicos do século XXI, pós-web 1.0. O que se segue é um exercício para extrapolar algumas ideias de Debray e advertimos que seria necessário vários anos, materiais e pesquisadores para completar tal tarefa. Mas a especulação faz parte do fazer-pesquisador e nossas ambições são modestas para o presente artigo. Advertência feita, passamos para a discussão de alguns pontos específicos, os quais forneceremos algumas análises pontuais.

Quadro 1 - Quadro midiológico (extraído do *Curso de midialogia geral*) com o acréscimo da dadosfera.

	ESCRITA (LOGOSFERA)	TIPOGRAFIA (GRAFOSFERA)	AUDIOVISUAL (VIDEOSFERA)	DIGITAL (DADOSFERA)
MEIO ESTRATÉGICO (PROJEÇÃO DE PODER)	A TERRA	O MAR	O ESPAÇO	A NUVEM

IDEAL DE GRUPO (E DERIVA POLÍTICA)	O UNO (Cidade, Império, Reino) absolutismo	TODOS (Nação, Povo, Estado) nacionalismo e totalitarismo	CADA UM POR SI (população, sociedade, mundo) individualismo e anomia	ENXAME (a gente, <i>mutuals</i>, seguidores) individualismo e horizontalidade
FIGURA DO TEMPO (E VETOR)	CÍRCULO (Eterno, repetição) Arqueocentrado	LINHA (história, Progresso) Futurocentrado	PONTO (atualidade, evento) Autocentrado: culto do presente	DÍGITO (descontinuidade) Nuncentrado: culto do instantâneo
IDADE CANÔNICA	O ANTIGO	O ADULTO	O JOVEM	O JOVEM ADULTO
PARADIGMA DE ATRAÇÃO	MYTHOS (mistérios, dogmas, epopeias)	LOGOS (utopias, sistemas, programas)	IMAGO (afetos e fantasmas)	PATHOS (afeto e distopias)
ÓRGANON SIMBÓLICO	RELIGIÕES (teologia)	SISTEMAS (ideologias)	MODELOS (iconologia)	REDES (memética)
CLASSE ESPIRITUAL (DETENTORA DO SAGRADO SOCIAL)	IGREJA (profetas e clérigos) Sacrossanto: O DOGMA	INTELLIGENTSIA laica (professores e doutores) Sacrossanto: O CONHECIMENTO	MÍDIAS (difusores e produtores) Sacrossanto: A INFORMAÇÃO	BIG TECHS (controladores do fluxo de informações) Sacrossanto: OS DADOS
REFERÊNCIA LEGÍTIMA	O DIVINO (isso é preciso, é sagrado)	O IDEAL (isso é preciso, é verdadeiro)	O PERFORMÁTICO (isso é preciso, dá resultado)	O REPRESENTÁVEL (isso é preciso, é propagável)
MOTOR DE SUBMISSÃO	A FÉ (fanatismo)	A LEI (dogmatismo)	A OPINIÃO (relativismo)	A MORAL (egocentrismo)
MEIO NORMAL DE INFLUÊNCIA	A PREGAÇÃO	A PUBLICAÇÃO	A EXIBIÇÃO	O MEME

CONTROLE DE FLUXOS	ECLESIAÍSTICO, DIRETO (sobre os emissores)	POLÍTICO, INDIRETO (sobre os meios de emissão)	ECONÔMICO, INDIRETO (sobre as mensagens)	PESSOAL, DIRETO E INDIRETO (sobre os fluxos informacionais)
ESTATUTO DO INDIVÍDUO	SUJEITO (a ser comandado)	CIDADÃO (a ser convencido)	CONSUMIDOR (a ser seduzido)	PROJETO (a ser otimizado)
MITO DE IDENTIFICAÇÃO	O SANTO	O HERÓI	A STAR	O INFLUENCER
AXIOMA DA AUTORIDADE PESSOAL	FOI DEUS QUEM ME REVELOU (verdadeiro como palavra de Evangelho)	FOI O QUE LI O LIVRO (verdadeiro como uma palavra impressa)	FOI O QUE VI NA TV (verdadeiro como uma imagem ao vivo)	FOI O QUE VI NAS REDES (verdadeiro como a experiência própria)
REGIME DE AUTORIDADE SIMBÓLICA	O INVISÍVEL (a Origem) ou o inverificável	O LEGÍVEL (o Fundamento) ou o que é verdadeiramente lógico	O VISÍVEL (o Acontecimento) ou o verossímil	O REATIVO (a Reação) ou o que te afeta
UNIDADE DE DIREÇÃO SOCIAL	O Uno SIMBÓLICO: o Rei (princípio dinástico)	O Uno TEÓRICO: o Chefe (princípio ideológico)	O Uno ARITMÉTICO: o Líder (princípio estatístico, sondagem, cota, audiência)	O Múltiplo VIRAL: o Enxame (princípio exponencial de contaminação)
CENTRO DE GRAVIDADE SUBJETIVO	A ALMA (Anima)	A CONSCIÊNCIA (Animus)	O CORPO (Sensorium)	A AUTOIMAGEM (Imago)

Fonte: Debray (1995), com acréscimo em negrito elaborado pelas autoras.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA DADOSFERA

Apesar de acreditarmos que é o todo anteriormente apresentado que constitui a dadosfera, decidimos nos voltar às características apresentadas no quadro abaixo para os fins desse artigo. Nossa escolha se deu a partir de conceitos e noções que julgamos mais

centrais para o entendimento dessa mídiassfera e que são vistos mais de uma vez em nossa proposta do quadro midiológico.

Decidimos focar em apenas alguns itens que consideramos mais centrais ao entendimento da dadosfera de acordo com o escopo deste artigo. Vamos discutir a especificidade do digital enquanto figura do tempo; depois sobre a classe espiritual e o seu objeto sacrossanto; e, por último, o ideal de grupo e a deriva política.

Quadro 2 – Algumas características da chamada dadosfera.

	DIGITAL (DADOSFERA)
IDEAL DE GRUPO (E DERIVA POLÍTICA)	ENXAME (a gente, <i>mutuals</i>, seguidores) individualismo e horizontalidade
FIGURA DO TEMPO (E VETOR)	DÍGITO (descontinuidade) Nunccentrado: culto do instantâneo
CLASSE ESPIRITUAL (DETENTORA DO SAGRADO SOCIAL)	BIG TECHS (controladores do fluxo de informações) Sacrossanto: OS DADOS

Fonte: quadro elaborado pelas autoras.

Como já estabelecido, a dadosfera, por ser digital, é necessariamente não linear. Dessa maneira, a figura do tempo só pode ser aquilo que a compõe: o dígito, descontínuo. O que notamos, no entanto, é que seu vetor é mais do que o presente, como é o caso do que Debray propõe à videosfera, mas sim o instantâneo: aquilo que aconteceu agora e, no minuto seguinte, já se torna passado. O termo “agoracentrado”, porém, nos pareceu pouco natural em português, então partimos para outras opções para compor a palavra. Em nossa busca, chegamos à ideia de “nunccentrado”; do latim, “nunc”, significando agora, e optamos de manter o C duplo como maneira de marcar essa origem. Sugerimos, então, o dígito (descontinuidade) como figura do tempo cujo vetor é nunccentrado, ou seja, tem como culto o instantâneo.

Antes de seguir para a classe espiritual, vamos nos deter brevemente sobre o que seria “os dados” (em inglês, *data*), que enquanto *big data* (o conjunto total de dados) é o item sacrossanto da dadosfera. Segundo Leary, dados são “informação representada na

forma digital” (2018, p. 75): todo rastro, clique e registro de navegação do usuário é rastreado, compilado, estocado e vendido para o maior lance, seja ele de uma empresa de produtos veganos ou de uma agência de vigilância estatal. Portanto, os dados são a principal mercadoria das empresas de tecnologia que compõem o “capitalismo de plataforma” (SRNICEK, 2017). Segundo o autor,

Em seu nível mais genérico, plataformas são infraestruturas digitais que tornam possível a interação entre dois ou mais grupos. Portanto, elas se posicionam enquanto intermediárias que unem vários usuários diferentes: clientes, publicitários, provedores de serviços, produtores, fornecedores e até objetos físicos. Mais do que o costume, essas plataformas trazem diferentes ferramentas que permitem ao usuário construir seu próprio produto, serviços e *marketplaces*³ (SRNICEK, 2017, p. 34).

Sendo assim, quem detém o controle dos fluxos informacionais e do aparato material que os dão suporte é a depositária do poder midiológico na dadosfera. Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft são as principais empresas que compõem a classe espiritual, seguindo o raciocínio de Debray, portanto é a classe detentora e reguladora desse sagrado social (os dados). As Big Tech são controladoras do fluxo de informações, pois não somente são proprietárias de todo o *hardware* e *software* das redes globais de informação, mas também dominam o funcionamento do social graças à ubiquidade das redes sociais. Já que uma das características das plataformas é a mediação entre produtores e usuários, elas criam o “efeito de rede”: quanto mais são utilizadas, mais as plataformas se tornam indispensável para todos, mais valiosas elas se tornam.

Isso nos leva ao ideal de rede e deriva política que compõem a dadosfera. Pois, se o que as Big Techs (classe espiritual) buscam é o “efeito de rede”, a maneira com que estruturam seus *softwares* deve levar, intuitivamente, a isso.

Em *No enxame: perspectivas do digital*, Byung-Chul Han pontua parte da dinâmica social gerada pelas redes sociais considerando-as enxames. Os enxames digitais funcionam de maneira análoga a um enxame de abelhas: indivíduos se reúnem de maneira efêmera e instável por uma causa, logo em seguida se dissipam. Dessa forma, para Han:

O enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma *alma* [*Seele*], nenhum *espírito* [*Geist*]. A alma é aglomerante e unificante. O enxame digital consiste em indivíduos singularizados. [...] Um aglomerado contingente

³ No original: “At the most general level, platforms are digital infrastructures that enable two or more groups to interact. They therefore position themselves as intermediaries that bring together different users: customers, advertisers, service providers, producers, suppliers, and even physical objects. More often than not, these platforms also come with a series of tools that enable their users to build their own products, services, and marketplaces”.

ainda não forma uma massa. [...] Os indivíduos que se juntam em um enxame não desenvolvem nenhum *Nós*. Não lhes caracteriza nenhuma consonância que leve a massa a se unir em uma massa de ação. O enxame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele também não se externa como uma voz (HAN, 2018, p. 27, grifos do autor).

Assim, entendemos que o ideal de grupo que Debray propõe em seu quadro midiológico, na dadosfera, não é um grupo *de fato*, mas sim uma aglomeração instável e efêmera, pessoas singularizadas mesmo quando em rede. Propomos, portanto, a curta descrição do enxame digital como “a gente, *mutuals*, seguidores” – pessoas que, por acaso, podem se unir rapidamente, mas que não anulam suas identidades. Mesmo anônimas, elas ainda têm um perfil (é a estrutura imposta pelas Big Techs) e, portanto, “preserva a sua identidade privada, mesmo quando se comporta como parte do enxame” (2018, p. 28).

Por causa disso, Han defende que não é possível que enxames desenvolvam uma energia política, pois se não há como criar um *Nós*, não há como “colocar em questão a *relação de poder* dominante” (2018, p. 31). O que vemos nas insurreições contemporâneas que se deram principalmente na última década não seria do âmbito político *per se* – inclusive, “elas não partem mais de ideologias políticas, mas de *verdades éticas*” (HOLLANDA, 2018).

Para Heloísa Buarque de Hollanda em *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*, as insurreições contemporâneas, apesar de partirem de questões éticas, permanecem política. Mas, assim como Han, ela observa no caso das insurreições feministas da década de 2010 que,

Ao marcar uma diferença com movimentos políticos tradicionais, são flexíveis tanto do ponto de vista organizacional quanto político, pois atuam numa esfera muito particular da sociedade civil, *uma esfera na qual o consenso não é necessário* (HOLLANDA, 2018, p. 48, grifo nosso).

Essa esfera é exatamente a dadosfera, a qual impõe a seus usuários estruturas e técnicas aos quais eles se adaptam. Buarque ainda observa que o uso de *hashtags*, por exemplo, dificulta com que aqueles que aderem ao que aqui consideramos um enxame tomem conhecimento de quem são as lideranças ou representantes do movimento, ou melhor, nos termos da autora, da campanha. Hollanda segue com sua análise: “Nesse corpo textual formado por uma imbricação de vozes, alcança-se uma horizontalidade momentânea em que já não é central *quem* disse, mas *o quê e como* disse” (2018, p. 48).

Dessa forma que entendemos a deriva política como igualmente individualista – no sentido de que o indivíduo não se apaga do enxame – e horizontal – no sentido que,

durante o enxame, não há líder ou representante, apenas um amontoado de perfis alimentando as redes, controladas pelas Big Techs, com dados e mais dados.

CONCLUSÃO

Percebemos nos estudos das mídias digitais o foco na técnica ou na cultura, mas o que Debray nos aponta é que a maneira de entender qualquer mídiasfera é através da somatória: *e*, não *ou*. As culturas que derivam da internet são também produzidas pelas técnicas que estruturam o ciberespaço, e o que propomos com este artigo é poder explorar um pouco mais como as técnicas e culturas produzidas com a dadosfera são interdependentes a partir do quadro midiológico de Debray. Essas são sugestões para pensarmos como se estabelecem as relações de forças e dinâmicas que vivemos em nossa contemporaneidade. Não temos, portanto, a pretensão de estabelecer nada de maneira fixa – é um terreno incerto, afinal, e a midiologia não é um caminho, mas uma forma de caminhar na zona sísmica entre a técnica e a cultura.

REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, G. *Políticas da imagem: Vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DEBRAY, R. *Curso de midiologia geral*. Tradução de Guilherme João Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEBRAY, R. *Manifestos midiológicos*. Tradução de Guilherme João Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

DEBRAY, R. *Transmitir: o segredo e a força das ideias*. Tradução de Guilherme João Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERREIRA, A. E. S. C. S. *Capitalismo de vigilância e produção de subjetividade por meio de algoritmos: uma análise discursivo-medialógica*. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14467>.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

HAN, B. C. *No enxame: perspectivas do digital*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOLLANDA, H. B. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LEARY, J. P. *Keywords: the new language of capitalism*. Chicago: Haymarket Books, 2018.

PRIMO, Gustavo. *Ver o livro como buraco negro: a formalização material da Antologia da Literatura Fantástica, de Bioy Casares, Borges e Ocampo*. Dissertação de Mestrado. Programas de Pós-graduação em Estudos de Literatura, CECH, Universidade Federal de São Carlos, 2019.